

LETRAMENTO DIGITAL: CONCEITOS, PERSPECTIVAS E PERCURSOS INTERDICÍPLINARES ¹

Márcio Luiz Corrêa Vilaça²
Elaine Vasquez Ferreira de Araujo³

RESUMO: Este artigo discute o letramento digital, abordando a ampliação do conceito através do tempo e suas perspectivas interdisciplinares. Este trabalho dialoga mais diretamente com as áreas de tecnologia, educação e estudos linguísticos. São discutidas dimensões tecnológicas, discursivas e educacionais do letramento digital. É inquestionável que vivemos em uma época marcada fortemente pela expansão e popularização das tecnologias digitais. Neste cenário, aspectos da cultura digital demandam uma ampla rede de reflexões.

Palavras-chave: letramento digital, cultura digital, interdisciplinaridade

DIGITAL LITERACY: CONCEPTS, PERSPECTIVES AND INTERDISCIPLINARY ROUTES

ABSTRACT: This article discusses digital literacy, addressing the expansion of the concept through time and its interdisciplinary perspectives. This work dialogues more directly with the areas of technology, education and linguistic studies. Technological, discursive and educational dimensions of digital literacy are discussed. It is unquestionable that we live in a time marked by the expansion and popularization of digital technologies. In this scenario, aspects of the digital culture demand a wide variety of reflections.

Keywords: digital literacy, digital culture, interdisciplinarity

1- Introdução

Este trabalho discute o letramento digital compreendendo percursos e suas perspectivas, que têm ampliado as formas de seu entendimento ao longo do tempo, conforme novas tecnologias e dispositivos digitais se popularizam e passam a se integrar crescente e intensamente em diferentes práticas sociais. Este estudo apresenta-se a partir de pesquisa

¹ Uma versão preliminar e breve deste estudo foi apresentada no VI CONINTER, em 2017, em João Pessoa.

² Márcio Luiz Corrêa Vilaça (UNIGRANRIO) Doutor em Letras pela Universidade Federal Fluminense e mestre em Interdisciplinar Professor do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes da Universidade do Grande Rio. Jovem Cientista do Nosso Estado (FAPERJ 2016-2019).

³ Elaine Vasquez Ferreira de Araujo - Doutora em Humanidades, Culturas e Artes e mestre em Letras e Ciências Humanas pela Unigranrio. O Presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – Código de financiamento: 001.

teórica interdisciplinar, priorizando autores e pesquisadores brasileiros. Neste sentido, a metodologia básica consiste no estudo bibliográfico em abordagem diacrônica e interdisciplinar do letramento digital, priorizando as áreas de estudos linguísticos, educação e tecnologia.

Embora o termo seja amplamente empregado em publicações e seu uso tenha se popularizado nos últimos anos, pode-se perceber a multiplicidade de definições e compreensões, o que pode gerar imprecisões resultantes da polissemia. É interessante apontar que Araújo e Vilaça (2017) lembram que, em alguns estudos recentes sobre o letramento, os termos *letramento*, *competências* e *habilidades* vêm sendo empregados de forma polissêmica ou até mesmo como sinônimos. Os autores acreditam que o crescente número de pesquisas e discussões interdisciplinares envolvendo o letramento pode estar contribuindo de alguma forma para esta polissemia terminológica (ARAÚJO; VILAÇA, 2017, p. 127).

É preciso deixar claro que o conceito de letramento discutido neste trabalho não se refere à ideia de erudito ou pessoa versada em letras, sentido também atribuído à palavra *letrado*. Também não é foco deste trabalho analisar o letramento se referindo à especificidade de diferentes universos e diferentes realidades, como exigências de aprendizagem de uma área específica – por exemplo, “letramento musical”, “letramento científico”, “letramento social” etc.

Nos estudos disciplinares, o letramento digital pode priorizar especificamente dimensões tecnológicas, digitais ou discursivas, muitas vezes sem que se destaque que tais dimensões se articulam de forma complexa e bastante diversificada. É neste sentido que este trabalho se justifica ao propor uma suscinta discussão histórica sobre o conceito ao mesmo tempo em que se articula interdisciplinarmente, estabelecendo diálogos e contrapontos, o que permite revelar diferentes visões de letramento digital.

2- Sociedade Digital

É inquestionável que vivemos em uma época marcada fortemente pela expansão e popularização das tecnologias digitais. As TDICs (Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação), presentes cada vez mais no nosso meio social, vêm transformando os comportamentos e os relacionamentos das pessoas. Grande parte destas mudanças se deve à crescente popularização do acesso à Internet. A tecnologia digital está cada vez mais presente no nosso dia a dia. É muito comum nos dias atuais a utilização de cartão eletrônico em

transportes públicos, a realização de compras utilizando cartões de crédito, compras de ingressos utilizando autoatendimentos ou pela Internet, a utilização do Internet *banking*, a operação de urnas eletrônicas durante as eleições, a realização de pesquisas na Internet etc. Neste mesmo sentido, as práticas de leitura e escrita na contemporaneidade são mediadas com grande frequência por uma tecnologia digital.

Nos últimos anos, alguns estudiosos preferem se referir a “novas tecnologias digitais de informação e comunicação”, em parte como forma de ressaltar que, mais do que dispositivos, sistemas, *softwares* ou serviços, estamos lidando com um fenômeno em que as tecnologias afetam diretamente formas de comunicação, comportamento e interação, nas mais diferentes práticas sociais. Porém, ao estar conectado à rede mundial, não se deve esquecer de que o tempo todo estamos lidando com a leitura e a escrita, seja em *sites* de busca, nas redes sociais, em *sites* de comércio *on-line*, em *blogs* e em tantos outros serviços que a Internet oferece.

Rojo (2007) enfatiza que, apesar dos textos *on-line* serem cada vez mais multissemióticos, hipermidiáticos e multimodais, a base destes textos ainda é a linguagem escrita. Portanto, “os atos de ler e escrever são ainda mais fundamentais na interação virtual que em nossas interações cotidianas, no mundo atual” (ROJO, 2007, p. 63).

Em outras palavras, as tecnologias influenciam diferentes atividades realizadas nas práticas cotidianas. Em harmonia com este processo de intensificação da cultura digital, as discussões sobre letramento digital também ganharam destaque, ao mesmo tempo em que seus significados e “limites” foram sendo gradualmente expandidos. Trata-se, sem dúvida, de uma questão que não apenas merece, mas que, na maioria das vezes, requer discussões, reflexões e pesquisas interdisciplinares.

3- Letramento

Trabalhos sobre letramentos digitais podem privilegiar aspectos específicos destes, que incluem: o uso dos dispositivos, a compreensão das tecnologias, práticas discursivas, a sua relação com práticas educacionais e a formação de professores. Apesar dos inúmeros estudos na atualidade a respeito do letramento, o termo letramento é ainda uma palavra razoavelmente nova. O termo apareceu pela primeira vez em 1984, quando Street (2003), em seu livro “*Literacy in theory and practice*”, usou os termos “*Literacy practices*”. A partir de

então, o termo *letrado* vem sendo usado não mais para quem conhece as letras ou literatura, mas sim para aquele que sabe fazer o uso proficiente e frequente da leitura e da escrita.

Em termos gerais, podemos observar que a palavra “letramento” tem sido associada, em publicações diversas e na literatura especializada, a “competências” e “habilidades”, termos que já são frequentemente empregados de forma polissêmica ou, ainda, como sinônimos (ARAÚJO; VILAÇA, 2017). Esta situação parece ter ficado mais evidente nos últimos 10 anos aproximadamente, quando há uma expansão dos estudos sobre letramento, sobre letramento digital e sobre cultura digital.

Por muito tempo, a importância da alfabetização para o desenvolvimento da sociedade foi discutida (SOARES, 2010b) e, ao lado destas discussões, sempre estavam os esforços para erradicar o analfabetismo, já que essa era a condição em que uma grande parte da população se encontrava (SOARES, 2010b). Porém, desde o final do século XX (SOARES, 2010a), muitos estudiosos vêm se dedicando a alertar que estar alfabetizado não é mais suficiente para que um sujeito participe de forma plena da sociedade e exerça sua cidadania (SOARES, 2002; SOARES, 2010a).

Semelhantemente, Pinheiro e Lobo-Sousa (2010) comentam que o termo *alfabetização* passou a ser insuficiente frente a inúmeras pessoas que sabiam ler e escrever, mas não conseguiam compreender ou produzir sentidos discursivos ou, ainda, interagir em cenários comunicativos mais complexos. Logo, assim como novas demandas sociais de uso da leitura e da escrita vêm surgindo nos últimos anos, diversas discussões sobre o letramento se destacam desde então.

Koch e Elias (2010) comentam que, se há algumas décadas a escrita era atividade de poucos privilegiados, nos dias atuais a escrita faz parte do dia a dia de todos na sociedade. Afinal de contas, estamos o tempo todo lidando com atividades relacionadas com a leitura e a escrita na vida social, como, por exemplo, bilhetes, mensagens no celular, lista de compras, jornais, *outdoors*, rótulos de produtos, placas nas ruas, revistas, redes sociais digitais, letreiros etc.

Soares (2010a) defende que aprender a ler e a escrever ultrapassa a decodificação de código linguístico, pois, ao se envolver em práticas sociais de leitura e escrita, o sujeito altera a sua condição de diversas formas. Aprender a ler e a escrever traz “consequências sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas, linguísticas, quer para o grupo social em que seja introduzida, quer para o indivíduo que aprenda a usá-la” (SOARES, 2010a, p. 17). Conforme

Pinheiro e Lobo-Sousa (2010) assinalam, o termo *letramento* como conhecemos hoje passou a ser usado a partir dos estudos sobre a leitura e a escrita juntamente de seus impactos sociais.

Sob a mesma ótica, Soares (2004, p. 5) aponta que “a necessidade de reconhecer e nomear práticas sociais de leitura e de escrita mais avançadas e complexas que as práticas do ler e do escrever resultantes da aprendizagem do sistema de escrita” é determinante para a origem dos estudos do letramento que conhecemos atualmente. Portanto, segundo Soares (2010a), letramento é a condição que o sujeito passa a ter após a introdução da escrita e seus impactos. O letramento é

o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita. (SOARES, 2010a, p. 18)

Soares (2010b, p. 21) define a alfabetização como a “aquisição da ‘tecnologia’ do ler e do escrever”. Ou seja, está alfabetizado o sujeito que aprendeu a decodificar o código da escrita, a segurar no lápis, a escrever da esquerda para a direita, a escrever de cima para baixo... Sendo assim, a alfabetização compreende os conhecimentos necessários para aprender o mecanismo da escrita, a diferenciação entre as letras, fonemas e grafemas e os aspectos ortográficos do nosso sistema de escrita.

De acordo com Kleiman (2008), os estudos sobre o letramento no Brasil são novos, iniciados na década de 1990. Entretanto, Paulo Freire já utilizava a palavra alfabetização com um sentido mais amplo, se referindo ao letramento que utilizamos nos dias de hoje (SOARES, 2010a). Paulo Freire, em 1981, participou do Congresso Brasileiro de Leitura e apresentou uma palestra na qual ele propôs uma compreensão mais ampla e crítica da leitura para algo além da decodificação da escrita. De acordo com Paulo Freire,

(...) Aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade. (PAULO FREIRE, 2006, p. 8)

Apesar de Paulo Freire não ter trabalhado com o conceito de letramento, entende-se que seus estudos foram importantes e precursores para a compreensão de letramento que temos hoje.

O termo letramento, segundo Kleiman (2008) e Soares (2010b), foi traduzido do inglês – *literacy*, que por sua vez tem origem no latim, *littera* (letra) –, e passou a ser usado

pelos estudiosos que queriam diferenciar a alfabetização dos usos da língua escrita na vida social. Desta forma, o letramento passa a ser considerado uma competência ou habilidade do sujeito em utilizar a leitura e a escrita nas suas práticas sociais em contextos específicos e para objetivos específicos.

Ao levar em conta as atividades que utilizam socialmente a leitura e a escrita e as novas exigências sobre o conhecimento de leitura e escrita na sociedade contemporânea, é fundamental destacar uma nova diversidade de práticas culturais e sociais envolvendo a escrita. São justamente as mudanças sociais, culturais e tecnológicas advindas da era digital que motivaram as discussões sobre o letramento digital.

4- Letramento Digital: Perspectivas e percursos

O entendimento de letramento digital, conforme veremos, é bastante plural, mas encontra-se ampla e frequentemente relacionado às práticas de leitura e escrita em ambiente digital, assim como as competências necessárias para produzir e consumir textos *on-line* de forma crítica e responsável. Entende-se, portanto, que saber manipular os dispositivos eletrônicos e seus aplicativos é importante na contemporaneidade, entretanto, não garante saber se comunicar e interagir por meio de atividades discursivas na Internet. Conforme abordaremos neste trabalho, especialmente no campo da tecnologia, em perspectiva predominantemente disciplinar, o letramento digital já foi abordado como domínio de competências básicas para o uso de equipamentos e dispositivos tecnológicos.

Podemos pensar, portanto, que o letramento digital está relacionado ao desenvolvimento de um amplo repertório de competências e habilidades para uso, comunicação, interação e aprendizagem *com e por meio* de tecnologias digitais, ou ainda sob marca de uma cultura digital que tem significativamente influenciado diferentes práticas sociais, mesmo quando não estamos fazendo uso objetivo e claro de alguma tecnologia específica ou de um dispositivo.

Em capítulo de livro publicado em 2017, Araújo e Vilaça apontam que devemos reconhecer “diferentes letramentos digitais, já que é possível perceber que o conceito também é polissêmico e tem sido historicamente empregado com referência a duas compreensões predominantes; a) competências de emprego das tecnologias digitais; e b) competências de comunicação e interação por meio das tecnologias digitais de comunicação.” (ARAÚJO e VILAÇA, 2017, p. 125).

Na área de Ciências Exatas e Tecnologia, o letramento digital com frequência é definido como o domínio das tecnologias e seus dispositivos (uso dos equipamentos) e, ainda, como o domínio de linguagens de programação de computador (desenvolvimento de *softwares*). Já na área de Ciências Humanas, principalmente em Estudos Linguísticos, o termo letramento digital é compreendido como o letramento discursivo em contextos digitais.

No início da grande disseminação do computador pessoal e da Internet – na década de 90 e no início da década de 2000 –, era comum ouvir falar em *alfabetização digital*. Na mesma época, houve um crescente número de cursos de Informática – em que os usuários aprendiam a manusear o computador e seus programas, de forma generalista ou específica –, e também se popularizaram na época os cursos de digitação, em que os usuários aprendiam a posicionar os dedos sobre as teclas do teclado e praticavam a velocidade ao digitar textos. Nestes cursos era possível aprender a produzir textos, salvar e copiar arquivos, usar discos de armazenamento, imprimir, acessar a Internet, enviar *e-mails*, dentre outras tarefas utilizando o computador e seus programas.

Nesta perspectiva, acreditava-se que o sujeito que aprendeu a manusear o computador e a Internet poderia ser considerado alfabetizado digital. Takahashi (2000) – seguindo esta mesma linha de raciocínio – define a alfabetização digital como a aprendizagem do uso do *hardware* e *software*, ou seja, saber lidar com o computador e seus periféricos, assim como seus programas e ferramentas. Similarmente, Tarouco (2013) também define a alfabetização digital como a “aquisição de habilidades básicas para o uso de computadores e da Internet” (TAROUCO, 2013, p. 287).

Ribeiro e Behar (2013) recordam que, com a difusão dos computadores pessoais, o termo *letramento* também era associado ao uso do computador naquela época. Entretanto, neste primeiro momento, este letramento se referia apenas à aprendizagem do uso do computador, ou seja, era sinônimo do termo *alfabetização digital*. O letramento nesta época não se relacionava com conteúdos e propósitos relacionados com a linguagem.

Como bem sustentam Takahashi (2000), Barton e Lee (2015), a alfabetização digital por si só não garante uma participação ativa na sociedade da informação, pois estar alfabetizado digitalmente não é suficiente para atuar de forma competente e ativa no mundo digital nos dias atuais. Para participar desta sociedade baseada na informação, no conhecimento e na aprendizagem é essencial o desenvolvimento de competências que possibilitem consumir e produzir informação no meio digital de forma crítica.

Neste cenário de novas formas de circulação, produção e configuração de textos, o usuário do computador e da Internet deixa de ser apenas o consumidor de informações e passa também a assumir o papel de produtor de informações, criando textos que podem ser compartilhados em redes sociais, em *blogs*, em fóruns e em outros *sites* e serviços virtuais.

Se durante a WEB 1.0, a primeira geração da Internet, a informação se dava sobretudo de forma unidirecional, a WEB 2.0 permitiu que a Internet se tornasse um ambiente interativo (ROJO, 2015), ou seja, houve maximização nas formas de uso, participação, comunicação e interação na rede. Para Barton e Lee (2015), a WEB 2.0 é um espaço que permite que os seus usuários criem e publiquem seu próprio conteúdo na Internet. Desta forma, a partir da década de 2000, o usuário deixou então de ocupar apenas o papel de leitor, para também ser autor e organizador de conteúdo na rede mundial, afinal, a WEB 2.0 possibilita que qualquer usuário publique na rede (ROJO, 2015).

Desde então, é crescente a circulação de textos *on-line* e de uma linguagem digital, como o hipertexto, os gêneros textuais digitais, a hipermídia etc. É possível afirmar que há mudanças significativas nos modos de construir e ler textos na contemporaneidade. E ao assumir o papel de consumidor e produtor na Internet, há uma demanda de habilidades, conhecimentos e atitudes necessária ao usuário para uma participação na rede digital de forma competente e responsável. Apesar do texto contemporâneo ser multissemiótico, multimodal e envolver diversas linguagens, tecnologias e mídias (ROJO, 2013, p. 1), a leitura e a escrita na tela dos dispositivos eletrônicos exigem habilidades diferentes daquele que realiza práticas de leitura e escrita em uma folha de papel. Afinal, assim como bem apontam Moita-Lopes e Rojo (2004, p. 38) na citação abaixo,

basta examinar a página de um jornal contemporâneo e compará-la com a de um jornal publicado há 20 anos para compreender a sofisticação do *design* gráfico atual, que atinge uma infinidade de mídias (hipertextos na Internet, textos na imprensa escrita, vídeos, filmes etc.). Que escolhas são feitas de cores, fotografias, desenhos etc. na construção do significado? Esse tipo de conhecimento tem sido apontado como extremamente importante para dar conta de letramentos multissemióticos que têm transformado o letramento tradicional (da letra) em um tipo de letramento insuficiente para dar conta dos letramentos necessários para agir na vida contemporânea.

Cabe salientar que ao se realizar práticas de leitura e escrita no meio digital, há uma gama de possibilidades de acesso, de produção, de compartilhamento e organização de informação. Xavier (2002) aponta que estar letrado digitalmente implica em assumir estas mudanças no modo de ler e escrever, passando a construir sentido em linguagens não verbais

também, como imagens, vídeos, sons etc. Sendo assim, conforme Rojo (2007, p. 65) afirma, “já não basta mais a leitura do texto verbal escrito – é preciso colocá-lo em relação com um conjunto de signos de outras modalidades de linguagem que o cercam, ou intercalam ou impregnam.” Ao utilizar a tela do computador como suporte para a leitura e produção de textos, o texto digital comporta diversos recursos hipermediáticos para a construção de sentido.

No início da década de 2000, Soares (2002, p. 152) definia o letramento digital como “um certo estado ou condição que adquirem os que se apropriam da nova tecnologia digital e exercem práticas de leitura e escrita na tela, diferente do estado ou condição – do letramento – dos que exercem práticas de leitura e de escrita no papel”. Ou seja, se antes o sujeito deveria participar de forma efetiva de práticas sociais envolvendo a leitura e escrita no meio impresso para ser considerado letrado, o letramento digital aqui se refere à participação em práticas sociais realizadas por meio de leitura e escrita no meio digital. A pesquisadora aponta a dimensão discursiva do letramento digital. Este caráter discursivo é uma evolução da compreensão básica de letramento digital como emprego e domínio técnico de tecnologias digitais.

Dudenev, Hockly e Pegrun (2016, p. 17) definem letramentos digitais como “habilidades individuais e sociais necessárias para interpretar, administrar e criar sentido eficazmente no âmbito crescente dos canais de comunicação digital” (p. 17). Os autores reconhecem que o conceito é plural, múltiplo e multifacetado. Ribeiro e Behar (2013) também acrescentam que o letramento digital é fundamental na sociedade da informação e que o sujeito letrado digitalmente é aquele que possui a habilidade para construir sentido ao ler e escrever textos *on-line* (considerando o conjunto de diferentes linguagens – escrita, sonora e visual – em um mesmo texto), que possui a capacidade de buscar e avaliar informações disponibilizadas no meio virtual, além de saber se comunicar de forma adequada na Internet.

Assim, como bem defendem Araújo e Vilaça (2017, p. 128), “o letramento digital representa um rico e extenso campo interdisciplinar de discussões e pesquisas”. Estudos sobre letramento digital são realizados, em maior proporção, nas áreas de Educação, Tecnologia e Estudos Linguísticos. Nos estudos linguísticos, podemos citar trabalhos como Soares (2002), Rojo (2009) e Coscarelli (2011).

Dessa forma, mais do que operar ou usar as tecnologias digitais, passamos a ter uma diversidade de práticas comunicativas por meio dela, que estão ligadas ao desenvolvimento de um discurso digital, de novos gêneros textuais (MARCUSCHI, 2008), de textos multimodais

e hipertextos. Dessa forma, é possível considerar que está letrado digitalmente, portanto, o sujeito que não apenas sabe manusear os dispositivos eletrônicos, mas que possui habilidades para se comunicar de forma efetiva no meio digital, adequando sua linguagem à esfera de circulação e a ferramenta utilizada – como ferramentas de mensagens instantâneas, redes sociais, *e-mails*, *blogs*, fóruns etc.

Como resultado, Ribeiro e Behar (2013) constatam que o letramento digital envolve um conjunto de aprendizados, que podem ser considerados básicos na sociedade da informação. E as competências associadas ao letramento digital e a participação dos sujeitos nestas práticas letradas devem acompanhar o contínuo desenvolvimento das ferramentas tecnológicas (RIBEIRO; BEHAR, 2013, p. 218).

Neste cenário de tantas mudanças tecnológicas e sociais nas últimas décadas, navegar na Internet de forma satisfatória e crítica exige do sujeito muito mais que saber ler e escrever. É necessário nos dias atuais um certo domínio tecnológico e que os sujeitos desenvolvam competências relacionadas ao uso da Internet e suas ferramentas, de forma crítica e reflexiva. Desta forma, é possível dizer que a leitura e a produção de texto na Internet dependem apenas da habilidade que o usuário tem de produzir, de buscar e de navegar entre os textos *on-line*.

Ao usar um aplicativo (palavra que se popularizou muito nos últimos anos) de mensagens nos aparelhos *smartphones* (uma categoria de aparelho celular que serve de exemplo para demonstrar mudanças nos dispositivos e a incorporação e convergência de finalidades), precisamos saber usar a tecnologia – que inclui operar o aparelho celular e o aplicativo – mas precisamos também saber como realizar a comunicação por meio dele.

Apenas para ilustrar o que foi dito, a participação em um aplicativo de mensagens instantâneas, como o WhatsApp, por exemplo, exige do sujeito participante o desenvolvimento de diferentes habilidades para produzir conteúdo neste espaço multimidiático. Além de saber usar o teclado, a barra de rolagem e outras questões ligadas à utilização técnica do dispositivo, o usuário do WhatsApp precisa compreender a função dos *emoticons*, dos ícones, dos *links*, das imagens etc. Também, ao se apropriar desta tecnologia, o sujeito deve ter consciência ao escolher o conteúdo que será disponibilizado nesta rede de relacionamento, usando uma linguagem apropriada ao contexto e levando sempre em consideração questões sobre a relevância da informação, a confiabilidade e a privacidade.

Na velocidade que marca a era digital (GABRIEL, 2013), conforme novas funcionalidades são disponibilizadas no aplicativo, as práticas comunicativas precisam ser

constantemente revistas, mesmo que, muitas vezes, isto não fique tão evidente. Logo, o discurso digital não se restringe ao famoso *internetês*, mas a questões muito mais diversificadas, que superam o foco na forma para privilegiar gêneros textuais, funções comunicativas e estratégias discursivas... Tais aplicativos servem para fins profissionais, diversão, comunicação rápida entre amigos e familiares, ferramenta de comunicação empresarial, espaço para práticas comerciais, etc.

Logo, não há uma estratégia única de uso do aplicativo, mas o letramento digital do indivíduo deve buscar contemplar uma ampla diversidade de saberes, reflexões e escolhas. O exemplo da comunicação por aplicativo aqui exposto serve para ilustrar a diversidade de questões que estão envolvidas no “uso” das tecnologias digitais e a grande velocidade de incorporações de novas funções e possibilidades, que acabam por resultar na necessidade constante de exame do que é ou pode ou dever ser compreendido como letramento digital.

5- Considerações Finais

Se, em um primeiro momento, o letramento se prendia mais às habilidades e compreensão da leitura e da escrita, hoje os sujeitos devem possuir outras habilidades para além de ler e escrever, pois precisam desenvolver competências para selecionar de forma crítica o conteúdo que é produzido e consumido nos meios digitais. Sob a mesma ótica, Ribeiro e Behar (2013) comentam que, devido às novas práticas realizadas por meio da Internet, novos tipos de letramento vêm surgindo.

Logo, o letramento digital que temos hoje é na verdade “uma expressão geral que abrangeria uma série de outros letramentos, originados tanto dos aspectos tecnológicos quanto do cenário social (...)” (RIBEIRO; BEHAR, 2013, p. 217). Tanto o meio social e cultural afeta o desenvolvimento do letramento digital, como o letramento digital afeta o contexto sociocultural. Ao estar letrado digitalmente, o sujeito não só adquire a habilidade de se comunicar por meio das TDICs, mas também passa a ser resiliente a novos letramentos e novas tecnologias. Diante destes argumentos, considera-se que o conceito de letramento digital deve ser compreendido de forma plural, levando em conta os letramentos que estão intrínsecos em seu significado.

É importante também considerar que, com a velocidade dos avanços das TDICs e com o frequente surgimento de novos dispositivos e ferramentas comunicacionais, é quase impossível um sujeito conseguir acompanhar todas as competências exigidas no mundo digital (DEMO, 2012). O letramento digital é, portanto, dinâmico, pois evolui continuamente

com a tecnologia, e fundamental, para se viver na sociedade da informação. Discutir o letramento digital, portanto, implica, em diferentes proporções, no reconhecimento de que ele se relaciona dinamicamente com o surgimento, transformações, mudanças, apropriações e diversificações das tecnologias, tanto no plano do dispositivo, do meio de comunicação, do espaço de interação e realização de diferentes práticas sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, E. V. F. Letramento em Contexto Digital: uma análise de Livros Didáticos do Ensino Médio. 10 de jul de 2012. 134p. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Grande Rio. Duque de Caxias, 2012.

ARAÚJO, E. V. F.; VILAÇA, M. L. C. Educação na Cibercultura: Letramento Digital e Letramentos Múltiplos. In: ARAÚJO, E. V. F.; VILAÇA, M. L. C. Cultura Digital, Educação, Linguagem e Tecnologia. Duque de Caxias: Editora UNIGRANRIO, 2017.

COSCARELLI, C. V. Alfabetização e Letramento Digital. COSCARELLI, C. V.; RIVEIRO A. E. Letramento Digital – aspectos sociais e possibilidades pedagógicas. Belo Horizonte: Autentica, 2011.

DIAS, R. Multimodalidade e Multiletramento: novas identidades para os textos, novas formas de ensinar inglês. In: SILVA, K. A; ARAÚJO, J. (Orgs.) Letramentos, Discursos midiáticos e Identidades: novas perspectivas. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

DUDENEY, G; HOCKLY, M; PEGRUM, M. Letramentos digitais. Tradução de Marcos Marconilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

FREIRE, P. A importância do ato de ler. 48ª ed. São Paulo: Cortez. 2006

GABRIEL, Martha. Educ@r: a (r)evolução digital na educação. São Paulo: Saraiva, 2013.

KLEIMAN, A. B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, A. B. (Org.). Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado das Letras, 2008.

KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. M. Ler e Escrever: Estratégias de Produção Textual. São Paulo: Contexto, 2010.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (Orgs.) Hipertexto e gêneros digitais. São Paulo: Cortez, 2010.

MOITA-LOPES, L. P.; ROJO H. R. Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. In Brasil/MEC/SEB/DPEM. Orientações Curriculares de Ensino Médio. Brasília, DF: MEC/SEB/DPEM, 2004. (pp. 14-56.)

PEREIRA, J. T. Educação e Sociedade da Informação. In: COSCARELLI, C. V.; RIVEIRO A. E. Letramento Digital – aspectos sociais e possibilidades pedagógicas. Belo Horizonte: Autentica, 2011.

PINHEIRO, R. C.; LOBO-SOUSA, A. C. Letramento digital e desempenho acadêmico em cursos de EaD via Internet: uma relação de interferência? In: RIBEIRO, A. E. *et al.* (Orgs.). Linguagem, tecnologia e educação. Minas Gerais: Peirópolis, 2010.

RIBEIRO, A. C. R. R.; BEHAR, P. A. Competências para o Letramento Digital. In: BEHAR, P. A. Competências em Educação a distância (Org). Porto Alegre: Penso, 2013.

ROJO, R. H. R. Letramentos digitais – a leitura como réplica ativa. *Trabalhos em Linguística Aplicada (UNICAMP)*, v. 46(2), pp. 63-78, 2007.

ROJO, Roxane. Letramentos múltiplos, escola e inclusão social. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ROJO, R. H. R. (Org.). *Escol@ Conectada – os multiletramentos e as TICs*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

ROJO, R. H. R.; BARBOSA, J. P. *Hipermodernidade, Multiletramentos e Gêneros Discursivos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

SOARES, M. B. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. In: *Educação e Sociedade/Centro de Estudos Educação e Sociedade – Vol. 23, n. 81*. São Paulo: Cortez, 2002.

SOARES, M. B. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. *Revista Brasileira de Educação*, nº 25, pp. 5-17, jan./fev./mar./abr. 2004.

SOARES, M. B. *Alfabetização e Letramento*. São Paulo: Contexto, 2010a.

SOARES, M. B. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010b.

STREET, B. V. *Literacy in Theory and Practice*. Cambridge, University Press, 1984.

TAKAHASHI, T. *Sociedade da Informação no Brasil – Livro Verde*. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000.

TAROUCO, L. M. R. Um panorama da fluência digital na Sociedade da Informação. In: BEHAR, P. A. Competências em Educação a distância (Org). Porto Alegre: Penso, 2013.

Enviado em: 17/09/2019

Aceito em: 02/11/2019